

**FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**  
**ROTEIRO DE ATIVIDADES**

9º ANO

3º BIMESTRE

**AUTORIA**

**SHIRLEI DE CARVALHO MARTINS DUTRA**

**Rio de Janeiro**

**2012**

## TEXTO GERADOR I

O Texto Gerador I é um recorte do romance “O Guarani” a maior epopeia da literatura brasileira. Representa um grande momento na obra de José de Alencar. Principal escritor romântico de ficção do Brasil, Alencar abordou em seus romances os diversos aspectos de nossa realidade: o litoral e o sertão, o norte e o sul, a cidade e o campo, o presente e o passado, o branco e o índio.

Neste romance indianista, em um cenário monumental e selvagem do Brasil do século XVII, encontram-se Peri e Ceci para viver uma envolvente história de amor.

### PRIMEIRA PARTE

### OS AVENTUREIROS

#### I CENÁRIO

*De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.*

*É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito. Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso sofre o látego do senhor. Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade. Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.*

*Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.*

*No ano da graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio século, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior. Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.*

*A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semicírculo irregular que teria quando muito cinqüenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte. Descendo dois ou três dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construída sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se à beira do rio, que se curvava em seio gracioso, sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que cresciam ao longo das margens.*

*Aí, ainda a indústria do homem tinha aproveitado habilmente a natureza para criar meios de segurança e defesa. De um e outro lado da escada seguiam dois renques de árvores, que, alargando gradualmente, iam fechar como dois braços o seio do rio; entre o tronco dessas árvores, uma alta cerca de espinheiros tornava aquele pequeno vale impenetrável. A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas. Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada*

*uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha. No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica, vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo. Flores agrestes das nossas matas, pequenas árvores copadas, um estendal de relvas, um fio de água, fingindo um rio e formando uma pequena cascata, tudo isto a mão do homem tinha criado no pequeno espaço com uma arte e graça admirável. À primeira vista, olhando esse rochedo da altura de duas braças, donde se precipitava um arroio da largura de um copo de água, e o monte de grama, que tinha quando muito o tamanho de um divã, parecia que a natureza se havia feito menina e se esmerara criar por capricho uma miniatura. O fundo da casa, inteiramente separado do resto da habitação por uma cerca, era tomado por dois grandes armazéns ou senzalas, que serviam de morada a aventureiros e acostados. Finalmente, na extrema do pequeno jardim, à beira do precipício, via-se uma cabana de sapé, cujos esteios eram duas palmeiras que haviam nascido entre as fendas das pedras. As abas do teto desciam até o chão; um ligeiro sulco privava as águas da chuva de entrar nesta habitação selvagem.*

*Agora que temos descrito o aspecto da localidade, onde se deve passar a maior parte dos acontecimentos desta história, podemos abrir a pesada porta de jacarandá, que serve de entrada, e penetrar no interior do edifício. A sala principal, o que chamamos ordinariamente sala da frente, respirava um certo luxo que parecia impossível existir nessa época em um deserto, como era então aquele sitio. As paredes e o teto eram calados, mas cingidos por um largo florão de pintura a fresco; nos espaços das janelas pendiam dois retratos que representavam um fidalgo velho e uma dama também idosa. Sobre a porta do centro desenhava-se um brasão de armas em campo de cinco vieiras de ouro, riscadas em cruz entre quatro rosas de prata sobre palas e faixas. No escudo, formado por uma brica de prata orlada de vermelho, via-se um elmo também de prata, paquife de ouro e de azul, e por timbre um meio leão de azul com uma vieira de ouro sobre a cabeça. Um largo reposteiro de damasco vermelho, onde se reproduzia o mesmo brasão, ocultava esta porta, que raras vezes se abria, e dava para um oratório. Defronte, entre as duas janelas do meio, havia um pequeno*

*dossel fechado por cortinas brancas com apanhados azuis. Cadeiras de couro de alto espaldar, uma mesa de jacarandá de pés torneados, uma lâmpada de prata suspensa ao teto, constituíam a mobília da sala, que respirava um ar severo e triste. Os aposentos interiores eram do mesmo gosto, menos as decorações heráldicas; na asa do edifício, porém, esse aspecto mudava de repente, e era substituído por um quer que seja de caprichoso e delicado que revelava a presença de uma mulher. Com efeito, nada mais loução do que essa alcova, em que os brocatéis de seda se confundiam com as lindas penas de nossas aves, enlaçadas em grinaldas e festões pela orla do teto e pela cúpula do cortinado de um leito colocado sobre um tapete de peles de animais selvagens. A um canto, pendia da parede um crucifixo em alabastro, aos pés do qual havia um escabelo de madeira dourada. Pouco distante, sobre uma cômoda, via-se uma dessas guitarras espanholas que os ciganos introduziram no Brasil quando expulsos de Portugal, e uma coleção de curiosidades minerais de cores mimosas e formas esquisitas. Junto à janela, havia um traste que à primeira vista não se podia definir; era uma espécie de leito ou sofá de palha matizada de várias cores e entremeada de penas negras e escarlates. Uma garça-real empalhada, prestes a desatar o vôo, segurava com o bico a cortina de tafetá azul que ela abria com a ponta de suas asas brancas e caindo sobre a porta, vendava esse ninho da inocência aos olhos profanos. Tudo isto respirava um suave aroma de benjoim, que se tinha impregnado nos objetos com o seu perfume natural, ou como a atmosfera do paraíso que uma fada habitava.*

## QUESTÃO 1

*“De um dos cabeços da Serra dos Órgãos desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal”. É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito. Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do **suserano**. “Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso sofre o látigo do senhor.”*

Apesar de não sabermos o significado de todas as palavras, o contexto nos auxilia a compreendê-las.

De acordo com o contexto, o vocábulo destacado acima pode ser substituído sem a alteração do seu significado por:

- a) Protetor
- b) Amigo
- c) Senhor
- d) Capitão

### **Habilidade trabalhada**

*Inferir o significado de palavras desconhecidas a partir do contexto em que são usadas.*

### **Resposta comentada**

Inicialmente, é válido reforçar para o aluno a ideia de que a compreensão de uma palavra vai além do mero reconhecimento de seu significado denotativo: seu sentido é ampliado pelo contexto (linguístico e extralinguístico) em que está inserida. Desse modo, o não conhecimento do significado de uma palavra pode não ser empecilho para sua compreensão. Nessa perspectiva, mesmo desconhecendo o significado de “suserano” o aluno conseguirá inferir, pelo enunciado em que a palavra aparece (contexto linguístico), que ela significa “senhor”.

Segundo o verbete do dicionário online de português o significado do vocábulo destacado é:

- S.M. Senhor feudal que possuía um feudo de que dependiam outros feudos.
- Chefe de estado que recebe vassalagem de outros Estados aparentemente autônomos.
- Adj. A suserano; que recebe suserania.

## TEXTO COMPLEMENTAR I

O Texto complementar I é um recorte do romance “*O Guarani*”, intitulado por “II LEALDADE”, este fragmento nos mostra a descrição de alguns dos principais personagens deste drama, a família de D. Antônio de Mariz.

### II LEALDADE

*“... D. Antônio tinha cumprido o seu juramento de vassalo leal; e, com a consciência tranquila por ter feito o seu dever; com a satisfação que dá ao homem o mando absoluto, ainda mesmo em um deserto, rodeado de seus companheiros que ele considerava amigos, vivia feliz no seio de sua pequena família.*

*Esta se compunha de quatro pessoas:*

*Sua mulher, D. Lauriana, dama paulista, imbuída de todos os prejuízos de fidalguia e de todas as abusões religiosas daquele tempo; no mais, um bom coração, um pouco egoísta, mas não tanto que não fosse capaz de um ato de dedicação.*

*Seu filho, D. Diogo de Mariz, que devia mais tarde prosseguir na carreira de seu pai, e lhe sucedeu em todas as honras e forais; ainda moço, na flor da idade, gastava o tempo em correrias e caçadas.*

*Sua filha, D. Cecília, que tinha dezoito anos, e que era a deusa desse pequeno mundo que ela iluminava com o seu sorriso, e alegrava com o seu gênio travesso e a sua mimosa faceirice.*

*D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antônio, embora nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma índia que havia cativado em uma das suas explorações.*

*Demorei-me em descrever a cena e falar de algumas das principais personagens deste drama porque assim era preciso para que bem se compreendam os acontecimentos que depois se passaram.*

*Deixarei, porém que os outros perfis se desenhem por si mesmos...”*

## ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 2

No trecho “*D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antônio, **embora** nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma índia que havia cativado em uma das suas explorações.*”. O vocábulo destacado é classificado como uma conjunção (palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração). Reescreva o trecho substituindo esta conjunção subordinativa concessiva, por outra de mesmo valor semântico.

#### Habilidade trabalhada

*Relacionar o uso de conjunções subordinativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.*

#### Resposta comentada

Inicialmente, é válido reforçar para o aluno o conceito de conjunção.

#### Conjunções Subordinativas

A conjunção é a palavra que une orações ou termos de uma oração que possuem mesma função. Essa relação estabelecida entre as orações pode ser independente, quando se trata de orações coordenadas; ou dependente, quando se trata de subordinadas. Quando a conjunção exerce seu papel de ligar as orações e estabelece entre elas uma relação de dependência sintática, temos a subordinação.

Podemos classificar as conjunções subordinativas em:

- **Integrantes** – são introdutórias de orações subordinadas substantivas: que, se, como, etc.;

Exemplo: *Não sei dizer se ele chegou.*

- **Causais** – exprimem causa: porque, como, uma vez que, já que, etc.;

Exemplo: Eu sou feliz porque tenho uma família.

- **Concessivas** – exprimem concessão: embora, ainda que, mesmo que, apesar de que, etc.;;  
Exemplos: Quando fui dormir ainda estava claro, ainda que passasse das sete da noite.  
Apesar de estarmos refletindo mais sobre a economia do país, os juros só tem aumentado.

- **Condicionais** – exprimem condição ou hipótese: se, desde que, contanto que, caso, se, etc.;

Exemplo: Avise-me caso eles já saibam da nova lei.

- **Conformativas** – exprimem conformidade: conforme, segundo, como, consoante.;;  
Exemplo: Conforme ia passando o tempo, meu corpo cansava cada vez mais.

- **Comparativas** – estabelecem comparação: como, mais...do que, menos...do que, etc.;;  
Exemplo: Estou mais feliz hoje do que ontem.

Ele chorou como quem tivesse perdido algo de muito valor sentimental.

- **consecutivas** – exprimem consequência: de forma que, de sorte que, que, etc.;;  
Exemplo: Estudou tanto que adormeceu.

- **Finais** – exprimem finalidade: a fim de que, que, porque, para que, etc.;;  
Exemplo: Vamos embora a fim de que possamos assistir ao filme.

- **Proporcionais** - estabelecem proporção: à medida que, à proporção que, ao passo que, etc.;;  
Exemplo: À medida que estudo todos os dias, minha memória se torna melhor.

- **Temporais** – indicam tempo: quando, depois que, desde que, logo que, assim que, etc..

Exemplo: Desde que você foi embora, meu coração gerou expectativa para que voltasse.

Após esse processo o aluno estará pronto para responder a questão com tranquilidade, reescrevendo o trecho e fazendo a substituição cabível.

*“D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antônio, **ainda que nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma índia que havia cativado em uma das suas explorações.**”*

### QUESTÃO 3

No trecho “Sua filha, D. Cecília, que tinha dezoito anos, e que era a deusa desse pequeno mundo que ela **iluminava** com o seu sorriso, e **alegrava** com o seu gênio travesso e a sua mimosa faceirice.” os verbos destacados estão respectivamente no:

- a) Pretérito perfeito do subjuntivo.
- b) Futuro do pretérito do indicativo.
- c) Pretérito imperfeito do indicativo.
- d) Pretérito imperfeito do subjuntivo.
- e) Pretérito perfeito do indicativo.

#### Habilidade trabalhada

*Observar nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.*

#### Resposta comentada

Verbo é a palavra que exprime um fato (geralmente uma ação, estado ou fenômeno da natureza) e localiza-o no tempo, usados também para ligar o sujeito ao predicado. Mas o verbo é identificado principalmente por ser a classe de palavras que mais admitem flexões (em número, pessoa, modo, tempo e voz). Os verbos iluminar e alegrar são regulares ambos terminados em ar

(1ª conjugação), flexionam sempre de acordo com os paradigmas da conjugação a que pertencem, foram conjugados na terceira pessoa do singular no pretérito imperfeito do modo indicativo. Eu iluminava, Tu iluminavas, Ele iluminava, Nós iluminávamos, Vós ilumináveis, Eles iluminavam; Eu alegrava, Tu alegravas, Ele alegrava, Nós alegrávamos, Vós alegráveis, Eles alegravam. Portanto a alternativa correta é a letra **c**.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 20ª ed., São Paulo: Ática, 1996 (Bom Livro).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

<http://www.brasilecola.com/redacao/construcao-enredo.htm>

<http://www.dicio.com.br>

<http://www.infoescola.com>

<http://pt.wikipedia.org>